

2.

Alguns conceitos-chave da forma de trabalho da Trópis

2004/2006

Com alguns acréscimos e adaptações, o conteúdo desta apresentação é basicamente o da página informativa www.tropis.org/keys.html. Até agora não havia sido publicada fora da internet, onde se encontra disponível também em inglês.

2.1. TRÓPIS É O QUÊ? UMA ONG?

Sim... e não. A Organização existe... *em apoio*. Não é ela que nos define.

Como a um átomo, o que dá identidade à TRÓPIS é um núcleo:

um NÚCLEO DE IDÉIAS

Como um átomo, ela está inteira & viva quando nessas IDÉIAS se articulam & se impulsionam PESSOAS e AÇÕES

Que tipo de idéias?

Idéias como...

- uma Filosofia e uma Pedagogia DO CONVÍVIO com eixo em um PLURALISMO ABSOLUTO
- uma RE-HUMANIZAÇÃO da Vida Humana
- uma REVOLUÇÃO ÉTICA na micro-estrutura do COTIDIANO

Já definimos nosso horizonte como:

Contribuir para a evolução dos indivíduos e da sociedade humana no sentido da otimização do bem-estar (maior felicidade) de todos os seres.

E nossa missão mais específica como:

Trabalhar pela renovação ética, cultural e educacional da sociedade mediante o aperfeiçoamento do CONVÍVIO como Filosofia, como Pedagogia e como Arte.

Sintetizamos ainda na forma do seguinte lema:

**compartilhar saber
construir convívio
semear reencantamento**

Articulada por esse núcleo-de-idéias, qualquer atividade (ou quase!), iniciada por qualquer pessoa, pode ser Trópis: **iniciativaS sócio-culturais**

Mais: embora essa seja só uma das muitas formas que ‘uma Trópis’ pode tomar, muito do nosso trabalho tem se constituído de atividades de/com/entre *jovens* (veja o cap.4), especialmente os social e economicamente ‘periféricos’.

Um convite a que jovens se descubram como **Agentes de Cidadania Universal:** pessoas **CONSCIENTES**

- de sua dignidade humana e de seus potenciais
- dos efeitos das suas ações (responsabilidade paternal, social, ambiental...)

e **EMPREENDEDORAS de ações positivas** além da mera responsabilidade – inclusive a MULTIPLICAÇÃO da atitude de Cidadania Universal.

E o contexto brasileiro faz disso uma missão bem específica e especial:

Combater o desperdício de talentos usual na sociedade brasileira.

2.2. A PALAVRA TRÓPIS: UM IDEAL

TRÓPIS É A PALAVRA GREGA PARA QUILHA:

Deriva de **tropé** = **rumo, direção**, mas também **virada, mudança de rumo ou de modo-de-ser, ‘turning point’**

... ou de **trópos** = **direção**, mas também **essência, modo-de-ser; sentido**.
[= “sou um ser em movimento, e o que define minha natureza é o meu rumo”]

Essa família de palavras inclui **tropikós**,
em grego um **ADJETIVO** equivalente ao nosso **tropical**
= *relativo à mudança de direção semestral do Sol ...*

... mas também a **qualquer redefinição na direção** de alguma coisa.

FATOS NOTÁVEIS SOBRE QUILHAS:

- Na construção de um navio, a primeira coisa que se faz é a quilha.
É uma peça simples, inteiriça, à qual vai se agregando todo o resto.
- Atravessa o barco todo, fazendo a integração desde a popa até a proa, como uma coluna vertebral.
- A direção para a qual o barco está voltado é a direção da sua quilha.
Sua ponta é o que ‘abre caminho’ nas águas.
- É ainda a quilha que, em conjunto com outros componentes, possibilita que o barco navegue em direções independentes da correnteza, e até contra ela se necessário: *constrói* o caminho a cada momento.
- Constitui no barco uma espécie de linha estrutural e direcional onde o barco “reencontra quem ele mesmo é”, mais profunda que as inevitáveis oscilações de momento para um lado e para o outro.

NÃO ESTAMOS FALANDO DE UMA POSTURA NEUTRA !!!

Não falamos de ‘ficar em cima do muro’: falamos de integrar num todo orgânico os impulsos que seriam destrutivos caso fossem unilaterais, ou seja: não compensados (*devido à exclusão do outro lado*).

Mas a compensação viva é sempre **dinâmica**: no movimento, no balanço, na **ginga**.

O que talvez nos leve de volta às qualidades do **tropikós**, ou **tropical**: uma qualidade que não tem ‘cara de séria’, mas que precisamos entender e levar profundamente *a sério*

... se quisermos descobrir formas-de-ser **ecológica e socialmente mais saudáveis** para esta região do mundo em que vivemos.¹

¹ Creditamos essa rica distinção entre ‘sério’ e ‘a sério’ a Roberto GOMES em sua *Crítica da Razão Tupiniquim*.

2.3. A (PRÁTICA) FILOSOFIA DO CONVÍVIO

Querendo-se ou não, **toda** ação, de qualquer pessoa ou instituição, é orientada por uma postura-frente-ao-mundo, uma filosofia – estejamos conscientes dela ou não.

Na **Trópis**, consideramos ponto-de-honra **elaborar conscientemente** os horizontes que nos inspiram e os princípios que orientam a estruturação prática do nosso dia-a-dia.

Ao mesmo tempo, acreditamos na *eficácia da simplicidade*, por isso buscamos identificar **um** ponto cuja influência seja a mais ampla possível para ser a referência central da nossa abordagem.

Esse ponto foi identificado no **CONVÍVIO**: o estado em que os diferentes vivem **lado-a-lado, sem perderem suas diferenças**, nem jamais um lado suprimir o outro.

Pois o convívio-de-diferentes é **uma condição fundamental da existência**, em todos os níveis – p.ex.:

- o convívio das forças gravitacionais com as de expansão (cosmologia/astrofísica)
- a interdependência dos diferentes seres da natureza terrestre (ecologia)
- o convívio das diferentes forças psíquicas em cada pessoa (psicologia)

E trata-se ainda do **maior de todos os desafios entre os seres humanos**:

o **convívio social**:

- intrínseco à existência do *zōon politikón* (= *ser vivo associativo*) que *cada* ser humano é...²
- via-de-regra torturante (Sartre: *o inferno são os outros*)³...
- **absolutamente inevitável**, inclusive
 - para a formação psíquica do indivíduo⁴ e
 - para qualquer realização econômica (**não existe *self-made-man***, dizê-lo é pura falta de reconhecimento das conexões, ou, em termos tradicionais: *ingratidão!*)

... ou nos decidimos a transformar a qualidade do nosso convívio, ou estamos nos **auto-condenando** a viver no inferno enquanto a humanidade existir!

Não é possível apresentar aqui a **Filosofia do Convívio** em profundidade: isso é tarefa para um trabalho específico de maior fôlego (que prevemos para 2007). Aqui apenas listaremos algumas **idéias-chave** para sua informação.

2.3.1. Paradigma do Convívio Universal

Reconhecemos que a expressão soa pretensiosa...

... porém os princípios básicos do pensamento convivial podem efetivamente ser usados com vantagem como **referência central** na análise e/ou planejamento em todos os campos dos mundos natural e social (e, para quem o admite, mesmo do sobrenatural):

... o Direito civil e penal, o processamento do lixo, a biodiversidade, a homeostase dos sistemas, o conteúdo dos currículos educacionais, a natureza do bem e do mal, a relação entre conhecimento e fé, o chamado Paradigma Ecológico ele mesmo...

... todos podem ser discutidos em termos de Convívio Universal.

² ARISTÓTELES, *A Política*.

³ Jean Paul SARTRE, *Entre quatro paredes*.

⁴ Vejam-se p.ex. as pesquisas de Vygotsky e seu grupo; v. OLIVEIRA 1997.

2.3.2. Pedagogia do Convívio / Educação Convivial

Sendo o convívio uma condição tão fundamental da existência - seja social, física, psicológica, econômica, cultural, espiritual...

...numa Educação que corresponda à realidade da vida, o convívio também terá papel central – seja na *forma* de ensinar, seja entre os *conteúdos*: uma educação **para** o convívio, **no** convívio, **pelo** convívio.

Afinal, **aprendendo antes mais nada a conviver, temos garantia de que teremos tempo e condições adequadas para aprender todo o resto. Começando pelo resto não temos garantia de nada!**

Assim, sobretudo neste momento histórico, não vemos missão mais importante para uma *quilha social* do que pensar, desenvolver, testar, aperfeiçoar, realizar e difundir uma **Pedagogia do Convívio** – ou, como também dizemos há anos, uma **Educação Convivial**.

Pode ser útil relacionar a Pedagogia do Convívio com os “4 pilares da educação” propostos pela Comissão DELORS (1998): APRENDER A SER, APRENDER A CONVIVER, APRENDER A APRENDER, APRENDER A FAZER.⁵ Na nossa formulação...

- O **Nível I** da educação – fundamento sem o qual o resto não se sustenta – é constituído dos 3 primeiros mencionados:
 - APRENDER A SER e APRENDER A CONVIVER (EDUCAÇÃO EXISTENCIAL E ÉTICA) são simultâneos: devido à natureza social do ser humano (*zôon politikón*), nenhum deles é capaz de existir sem o outro.
 - APRENDER A APRENDER (EDUCAÇÃO COGNITIVA) inclui necessariamente as 2 vias da cognição: *via analítica* (verbal, matemática) e *via estética* (emocional, corporal, integradora).
- O **Nível II** consiste do APRENDER A FAZER. Pode ajudar na realização do Nível I, mas não precedê-lo! Envolve:
 - capacidades operativas (desde o 2+2=4);
 - qualquer tipo de preparação profissional, em qualquer nível;
 - *certa medida* de transmissão de conteúdos informativos (necessário, mas o *menos* importante no contexto atual: conteúdos estão nos livros e na internet; a escola *perde seu tempo* centrando sua atenção onde é menos requerida e menos capaz!)

Mais? – Os princípios gerais da Educação Convivial são expostos neste volume em 1. Questões relativas a métodos e a conteúdos são desenvolvidas de diferentes modos em 4 (especialmente pontos 6 a 10), em 8 (especialmente 6, 7, 12, 13) e em 11 (especialmente o longo capítulo 3, “O coração do pedagógico”).

⁵ Consideramos ainda mais importante o sumário de suas concepções realizado por Edgar MORIN tendo em vista a atividade educativa em *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2000).

2.3.3. Três colunas-mestras do Convivialismo

- (1) **minimalismo**: manter toda codificação e intervenção no nível mínimo indispensável.
O número mínimo de princípios garante a sua máxima abrangência; por isso a outra face deste mesmo princípio é o...
- (2) **pluralismo sistemático**: a garantia da não-imposição da vontade de um sobre a de outro;
para isso, *nada* pode ser excluído exceto *uma* coisa, a qual precisa ser *impositivamente* excluída:
a própria imposição (de qualquer *outra* coisa), a qual se mostra em formas como exclusão, opressão, exploração etc.
- (3) **crítica da linguagem e reforma da comunicação**:⁶
con-vívio, sociedade e *com-munidade* só acontecem mediante a *com-municação*, cuja qualidade é problemática em muitos sentidos.
O aperfeiçoamento do convívio depende de estudar e enfrentar esses problemas.
Grande parte dos problemas deriva da baixa confiabilidade da encarregada principal da comunicação: *a linguagem verbal*.⁷
O enfrentamento disso também depende de vários pontos, mas sobretudo da *(re-)subordinação do plano das palavras ao plano das idéias*⁸ – o que tem conseqüências para todas as áreas da vida, mas especialmente para a Educação.

2.3.4. As três dimensões do convívio

Nenhum discurso que pretenda seriamente tentar apreender a realidade pode deixar de levar em conta, em *todos* os casos, os três seguintes níveis ou dimensões – ou quem sabe ainda *escalas* (no sentido geométrico):

- **dimensão individual-psicológica**
- **dimensão social-cultural** - inclui *tudo* o que é criado pela humanidade, inclusive a maior parte das relações ECONÔMICAS. Dentro dela cabem ainda distinções entre as escalas local, regional e global, bem como a distinção sociológica entre organização em comunidade ou em sociedade (v. 3.2.1.1).
- **dimensão natural**, começando pela escala **ecológica**, que inclui as relações entre a totalidade dos seres TERRESTRES – e, com isso, outra parte considerável das relações ECONÔMICAS –
... e pelo menos tentando atingir também, se quisermos uma abordagem realmente ampla, a escala **cosmológica**: o universo até onde nossa compreensão atual alcance.

(Se não falamos de **espiritual**, é que não o vemos como um de tais níveis, e sim como um dos aspectos de *qualquer um* dos níveis – ao qual podemos escolher voltar o olhar ou não).⁹

⁶ Falamos do *fenômeno geral* da comunicação, e não dos “meios de comunicação” ou das atividades ditas de “comunicação social” como o jornalismo e a publicidade, que não vemos como proprietárias e nem mesmo como usuárias legítimas dessa palavra, que no nosso ver devia ser reservada para processos de mão dupla.

⁷ Foi pela pura observação que notamos há muitos anos a posição crucial da linguagem em qualquer tentativa de mudança social; somente mais tarde tomamos conhecimento da visão sociológica da linguagem como a primeira das instituições humanas, matriz de todas as outras. (V. p.ex. BERGER e BERGER, 1977).

⁸ Estamos conscientes de que estamos aqui falando *nonsense* para a tendência hegemônica nas ciências humanas hoje, que vê o pensamento como *derivado* da linguagem – mas não por hegemônica consideramos essa posição sustentável. Trataremos disso em artigo no volume **Filosofia do Convívio**.

⁹ Alguns prefeririam aqui neologismos como NOOLÓGICO ou NOÉTICO; é o aspecto com que nos sintonizamos mediante as perguntas por SENTIDO e/ou pela NATUREZA DA SUBJETIVIDADE. Ao considerarmos com esse olhar a *dimensão natural-terrestre* facilmente nos veremos dialogando com o tradicionalmente conhecido por MÁGICO – e com o TEOLÓGICO ao considerarmos a *dimensão cosmológica*.

2.3.5. Cidadania e dignidade universais

O desenvolvimento de uma atitude de cidadania tem que ser prioritário na educação – não só tendo em vista a participação na dimensão civil ou política da vida, mas também porque é pré-condição para *todo e qualquer* desenvolvimento profissional que não seja realizado ao arrepio da ética.

Ainda do ponto de vista utilitário (que jamais deve ser o único considerado, mas não deixa de ser real e necessário), tem-se que toda cidadania autêntica tende a ser *auto-multiplicadora*, ou seja: os esforços investidos nela *rendem bem*, embora muitas vezes não se perceba isso pelo intervalo de anos entre investimento e resultado.

Para além de definições superficiais, **cidadania é assumir plenamente a condição inevitável de todo ser humano: a de nó de uma rede, um cruzamento único e irrepitível, porém inevitavelmente ligado a incontáveis outros, e irradiador de conseqüências para o todo, querendo-o ou não.**

E é preciso (levando em conta as três dimensões de que falamos acima) assumi-lo não apenas na *sociedade local e nacional* de que fazemos parte, mas na *humanidade inteira*, na comunidade de *todos os seres da Terra* (árvores, ventos, rios, bichos, montanhas...), e mesmo na comunidade de *todos os seres conhecidos e desconhecidos* a que chamamos Universo: **Cidadania Universal**.¹⁰

Mas tal atitude só é autêntica (e portanto frutífera) quando não vem apenas ‘da cabeça’ (de uma escolha intelectual), mas brota de uma percepção direta ou empática, com o ser inteiro, da *dignidade de todos os seres*.

E isso só é possível quando conseguimos *reencantar o nosso olhar* (v. adiante).¹¹

2.3.6. Vida comunitária: laboratório e escola de ética

Evidentemente nem todos os participantes da Trópis (‘equipe’ e ‘atendidos’) precisam morar juntos, mas...

... o **núcleo central** de ‘uma Trópis’ (uma organização de Educação Convivial) deve necessariamente conter, entre outras coisas, a moradia viva de algumas pessoas, e a experiência de convívio intensivo *como em família... envolvendo pessoas não-ligadas por laços familiares*.

Não exporemos aqui as razões (muitas!), mas mencionaremos quatro antecedentes históricos dessa abordagem:

- aldeias
- academias filosóficas da antigüidade
- mosteiros
- casas de mestres-de-ofícios

... todos com pontos a questionar e repensar, porém também com enormes vantagens frente ao modelo escolar dos últimos séculos! ¹²

Nossa experiência torna difícil levar a sério qualquer discurso ético ou social de quem não tenha experimentado na prática, pelo menos por algum tempo, o desafio dos banheiros, louças e roupas cotidianas – sem possibilidade de contratar nenhuma Dona Maria (nem recorrer a mães, irmãs e esposas): **somente quem foi vitorioso lealmente nessa ESCOLA DE RESPEITO deveria ter o direito de participar do planejamento dos níveis coletivos da vida humana.**

¹⁰ Esta idéia é apresentada de modo mais sistemático em 4.9, com desenvolvimento em 12.4.3.

¹¹ A absoluta realidade *biológica* da cognição empática, bem como sua importância central na vida humana, foram reconhecidas a partir da descoberta dos neurônios-espelho (v. RIZZOLATTI 2006 e RAMACHANDRAN 2006) – o que de nenhum modo nega (e no nosso ver até *reforça*) que com isso entremos no campo da *experiência do sagrado*.

¹² Este assunto é abordado mais amplamente em 3.2.

Todos os dramas do convívio em grande escala, até a política internacional, são ampliações (como fractais) de problemas não resolvidos nesse nível micro – semente de toda a realidade humana. O que implica:

Toda e qualquer reorganização macro-social fracassará se não for precedida de uma REVOLUÇÃO DO COTIDIANO - ou por extenso: uma revolução ética, pela consciência, na micro-estrutura do cotidiano.

Mas... que diferença faz o comportamento de meia dúzia de gotas no comportamento do oceano?

Na verdade **não somos gotas, e sim partes de um tecido vivo.**

E aí tanto um pensamento científico sistêmico quanto um de tipo espiritualista convergem em ver que as elaborações de um pequeno grupo, quando correspondem às necessidades de um momento histórico, acabam encontrando seus caminhos para influir no todo.

2.4. SETE RAZÕES POR QUE NOSSO TRABALHO É CENTRADO NOS JOVENS

Nosso objetivo é contribuir para a **transformação não-violenta da sociedade inteira** na direção de uma saudável **sociedade convivial** (expressão já usada por Ivan ILLICH).

Por que então a **Trópis** trabalha principalmente com *uma parte* da sociedade, os jovens, sobretudo os jovens *de periferia*?

Ou por que não centrar atenção *nas crianças*, que são “mais futuro” do que os jovens? – A resposta é ampla:

2.4.1. Atenção aos jovens É a atenção mais efetiva às crianças

Hoje é amplamente sabido que os momentos mais decisivos, para bem e para mal, que formam a estrutura fundamental de uma pessoa para toda a vida, estão entre a concepção e os 3 anos – antes do alcance das escolas e da maior parte das instituições.

O único modo de atuar sobre essas crianças é preparar seus pais e mães *ainda antes da gravidez* – ou seja, atuar junto aos que estão prestes a se tornarem pais: **os jovens.**

Estamos convictos de que é *com isso* que se consegue o máximo efeito transformador sobre a sociedade a partir de um determinado esforço.

Mais: por razões históricas (estudar Gilberto Freire!), uma das questões mais graves do Brasil é a (falta de) responsabilidade e atuação adequada dos **PAIS** (do sexo masculino).

Sem alardear isso aos jovens num primeiro momento, talvez a atuação mais profunda da **Trópis** seja a de uma **escola de mães... e sobretudo de pais.**

2.4.2. Sucessão e continuidade nos processos

Crianças começarão a assumir responsabilidades pela sociedade daqui a uns 15 anos – os jovens daqui a 5 ou menos. Sem cuidados prestados no meio-tempo pelos que são jovens hoje, o que semeamos no mundo agora já terá morrido, quando as crianças de hoje assumirem seu posto!

A continuidade saudável de qualquer processo depende do envolvimento de jovens!

2.4.3. O desastre da interrupção prematura

Pessoas que recebem bom acompanhamento pedagógico na infância mas o perdem na adolescência têm grande chance de se tornarem revoltados e destrutivos – e com razão!

O que a sociedade não pretende continuar, seria melhor que nem começasse!

2.4.4. Transição de risco máximo

Os anos de transição da infância para a idade adulta são sem dúvida os mais difíceis para o indivíduo, do ponto de vista psicológico.

Amostra disso é o alto índice de suicídio entre adolescentes, sem falar das drogas e do envolvimento em situações de violência, como agentes ou como vítimas – o que afeta a sociedade inteira.

Em 2001/02 as autoridades do Estado e do Município de São Paulo começaram a declarar que viam na atenção aos jovens a chave para o bem-estar da sociedade. Começamos a dizer isso dez anos antes.

2.4.5. Ideais como necessidade orgânica

A alma jovem carece de visões-do-mundo, valores e ideais *como de alimento* (por isso entendemos bem por que Cazuza cantava: ‘ideologia, eu quero uma pra viver...’, independente do uso não muito exato da palavra ‘ideologia’).

Quando a sociedade não oferece aos jovens *propostas razoáveis de ideal*, irão aderir ao que encontrarem – dos modismos consumistas à *disciplina e hierarquia do crime* - mas sem um ideal não ficarão.¹³

2.4.6. Função-consciência para a sociedade

Toda a sociedade precisa de que os jovens **a** lembrem da necessidade de ideais.

A cobrança de coerência e de autenticidade exercida pelos jovens pode ser irritante aos adultos, às vezes insuportável, mas *é sua missão sagrada*. A sociedade que não lhes dá importância termina afundada no conformismo com um ‘possível’ medíocre, e finalmente no cinismo e na corrupção.

Além disso, boa parte do progresso da humanidade deriva da inexperiência dos jovens que (como o besouro que, pelo que se diz, voa porque não sabe que pelas leis da física não deveria voar) miram além do meramente razoável e com isso *alargam as fronteiras do possível*. *Bendita inexperiência!* - só podemos dizer. O fato de que tantas vezes *não dá certo* pode ser visto como um sacrifício realizado em favor da humanidade.

**Se uma sociedade quer um lugar no futuro,
dê atenção às ‘bobagens’ originais dos seus jovens.**

2.4.7. Quem poderia incluir quem?

Por que trabalhamos basicamente com jovens ‘carentes’ e das periferias?

Simplesmente não excluimos ninguém por não poder pagar, e os que não podem pagar *são* a imensa maioria!

Paralela e infelizmente, os jovens de outras classes geralmente se *auto-excluem* de atividades como as nossas, porque no fundo ou não querem se misturar, ou não querem o risco de ganhar consciência de realidades incômodas, ou ainda por pensarem que não têm nada a aprender no meio *dessa gente...*

Mas *estamos abertos a todos*: definitivamente, não é preciso atestado de pobreza para entrar neste **CENTRO DE CONVÍVIO UNIVERSAL!**

¹³ Escrevemos isto pelo menos dois anos antes dos ataques maciços e altamente organizados da organização criminosa PCC no Estado de São Paulo, em 2006.

2.5. O REENCANTAMENTO DA EDUCAÇÃO E DO OLHAR ¹⁴

2.5.1. De como caímos em desencanto

Até um certo momento da história, *todos* os povos punham confiança no sentimento de que uma certa sensibilidade-e-inteligência estava presente ou *por trás* ou *na* estrutura de todas as coisas.

Sentiam também que a sensibilidade-e-inteligência do ser humano não era diferente dessa que viam em todas as coisas; que as duas eram de certa forma a mesma...

... e por isso tinham confiança num certo entendimento natural (que hoje chamaríamos de intuitivo) perpassando e interligando todas as coisas.

E esse era o *encanto* de todas as coisas: que de certa forma eram todas nossas irmãs.

Mas a partir do século XV, *no meio de alguns povos* se generalizou a idéia de que toda sensibilidade-e-inteligência está apenas no ser humano – ou quem sabe também em algum plano acima dele, mas nunca no resto do mundo que percebemos em torno de nós.

A visão do mundo como nosso irmão, e portanto digno de tanto respeito e cuidado como nós mesmos, passou a ser considerada primitiva e supersticiosa.

Passou-se a ensinar que esse mundo é “bruto”, totalmente casual, sem sentido e sem alma, e portanto pode ser *explorado à vontade*. E todos os antigos *limites à vontade de dominar* passaram a ser entendidos como superstição superada.

Com essa nova forma de pensar, esses povos dominaram o mundo – e isso precisamente por terem pisoteado todos os limites que, embora não garantissem um mundo sem conflitos, pelo menos não deixavam que nenhum grupo atentasse maciçamente contra a variedade de outros grupos e da natureza.

Mas além disso... **com esses povos, essa nova forma de pensar dominou o mundo.** Ela possibilitou enorme poder à parte da humanidade que a impôs, e em certa medida a outros que foram aderindo a ela.

Mas mesmo quem ficou sem poder termina sendo ensinado que essa forma de ver o mundo é a única verdadeira, pois a cultura dominante considera seu *dever civilizador* propiciar o *seu* tipo de educação *a todos*.

E, assumidamente ou não, essa educação termina sempre repassando a crença de que as formas de ver o mundo que apostavam que havia *sentido* em todas as coisas (e portanto uma *dignidade* a ser respeitada) são pensamento mágico primitivo que precisa ser superado em benefício do progresso –

... e que os únicos valores reais são os que podem ser expressos em *números: medidas* das dimensões “objetivas” (ou *utilizáveis...*) a partir das quais se atribuem *preços*.¹⁵

Na famosa Carta do Chefe Seattle, a sabedoria indígena diz que uma “grande solidão de alma” matará o ser humano se a vida natural for exterminada.

Mas para isso nem é preciso matar toda a natureza *lá fora*: na compreensão-de-mundo em que fomos ensinados, *ela já é morta*; já não tem mesmo nada que pudesse

¹⁴ Para um relato de ações da Trópis envolvendo a idéia “reencantamento”, e referências a alguns outros que vêm trabalhando com ela no Brasil, ver 14.

¹⁵ Embora com diferentes nuances de interpretação, esse conjunto de processos foi descrito tanto pelo sociólogo Max Weber (que foi quem lhe aplicou a expressão “desencantamento do mundo”) quanto por autores de cunho espiritualista-esotérico (como Rudolf Steiner) e pelo lado mais humanista do pensamento marxista, começando pelo próprio Marx (ver DORIA 1974: *Marcuse, vida e obra*). – Cabe observar que o termo usado por Weber, *Entzauberung*, seria mais literalmente traduzido por “desmágicização” ou “desmagificação”. Também é interessante ter em conta que “encantamento” se refere originalmente a *um* tipo de prática mágica: a de impregnar objetos ou seres com forças espirituais (ou *de intenção*) mediante o *canto*. Foi nesse sentido que o latim *cármem* (canto, canção) gerou a palavra inglesa *charm*.

ser chamado “alma”. E, por nossa vez, nós humanos *já estamos morrendo* da nossa “solidão de alma” – seja pelos desastres ecológicos, seja pelos desastres *psicológicos* que provocamos com isso.

Se o ser humano aspirava a ser *livre* dos limites da natureza e das crenças... hoje freqüentemente se sente aprisionado num mundo atrozmente cinzento... que ele tenta colorir de modos artificiais a qualquer custo, pois esse cinzento e vazio são insuportáveis para a natureza da psique humana –

... tanto que com muita facilidade ele termina trocando *justamente a liberdade* (que a falta-de-sentido, embora não indispensável para isso, realmente lhe ajuda a ter, pelo menos potencialmente) por *qualquer coisa* que lhe prometa alguma sensação de sentido: status, “experiências radicais”, seitas, drogas...

... infelizmente sem sair, com isso, de uma escolha entre a loucura e a insanidade, como dizia Aldous HUXLEY (1989).

2.5.2. O encanto salta aos olhos das ciências. E a educação?

No entanto, já no fim do século XX a pretensa racionalidade da visão desencantada levou um sério golpe com o reconhecimento da biosfera como *sistema vivo integral* (hipótese Gaia),¹⁶ entre muitos outros conhecimentos novos... e *encantadores*:

... mesmo para quem não admite uma dimensão sobrenatural, a riqueza e complexidade do natural são uma fonte de encantamento inesgotável **desde que se queira ver** –

... e também o são a complexidade e riqueza *do imaginário humano*: a arte, as mitologias... E novas formas de compreensão antropológica parecem se abrir, capazes de abranger as antigas experiências religiosas e dos povos tradicionais (p.ex. ameríndios) sem que isso represente o mergulho em ilusões, nem a desistência da liberdade.

Na Trópis vemos o reencantamento justamente como uma **reafirmação da liberdade**; uma recusa a entregar a invenção do nosso viver a sistemas externos:

**Reencantar-se é resgatar o direito de estarmos
à frente da invenção das nossas próprias vidas:
com ciência... mas também com arte;
com realismo mas também com gosto.**

E também consideramos fundamental o respeito pela opção pessoal de *apostarmos (ou não)* em mais este passo:

**É aceitarmos o convite de sermos parceiros-aprendizes
da Sabedoria Criadora Universal.**¹⁷

Só que para isso **precisamos de uma nova educação** –
pois *a atual se especializou por mais de 500 anos em desencantar!*

E por isso um dos grande assuntos da Trópis é o **reencantamento**:
um reencantamento ‘do mundo’ que significa na verdade
‘do olhar’, ‘da nossa experiência do mundo’...
e para isso, necessariamente, **da educação**.

¹⁶ Ironicamente, o nome Gaia (ou Gea), com que os gregos se referiam à Terra como deusa, entrou na literatura científica através do cientista ainda bastante “desencantado” que é James LOVELOCK (1979).

¹⁷ Para uma brilhante perspectiva nesse sentido, diferente da religiosa ou tradicional (e não necessariamente idêntica à nossa), ver Sir Fred HOYLE, *O Universo Inteligente*. (Ver também a seção D deste volume). Sobre “aposta” como sinônimo de “fé”, ver a nota 21 do artigo 12.

2.5.3. Nossas OCAs: transcendência pelo Conhecimento & Artes

***Quem possui ciência e possui arte
esse também tem religião.***

GOETHE ¹⁸

No nome **OCA** está representado o procedimento essencial da Educação Convivial: aquilo que é uma *Oficina de Conhecimento & Artes* é ao mesmo tempo uma *casa* (moradia, abrigo, espaço de vida: significado de OCA na língua tupi).

Esse nome começou a ser usado por nós em 1995, antes do registro da Associação Trópis, para sessões que aconteciam desde março de 1993.

Tomar posse na sua parte da herança cultural da humanidade... ouvir a música de hoje, os clássicos da MPB, e Beethoven... e discutir política, exercitar filosofia, e pintar, falar de povos perdidos no passado enquanto se cozinha ou lava louça...

Nessas sessões tivemos farta confirmação de que **conhecimento encanta**, e encanta *o jovem pobre da periferia, que as escolas tanto acusam de desinteressado em aprender.* ¹⁹

Dez anos depois, foi a idéia das OCAs que se expandiu quando concebemos o **Projeto OCA Mundi**, pelo qual a Trópis buscou se aproximar mais, na prática, dos seguintes aspectos do convívio que já estavam entre os seus interesses desde sempre:

- **convívio com a natureza** - aumento da atenção ao aspecto ecológico
- **aprendizado intercultural** - com a intenção de desenvolver o relacionamento (em parte já iniciado) com parceiros indígenas, europeus e africanos – e quem mais aparecer!
- **cooperação entre iniciativas** ou instituições ²⁰

O horizonte para o qual miramos através desse projeto é uma espécie de... (o nome é longo porém representativo)

**UNIVERSIDADE ABERTA
PARA O REENCANTAMENTO DA EDUCAÇÃO
E O CONVÍVIO UNIVERSAL.**

¹⁸ Dos “*Epigramas Mansos*” (*Zahme Xenien*), em GOETHE 1986. O epigrama se conclui “quem não possui aquelas duas / que tenha religião” (tradução nossa).

¹⁹ Ver a propósito depoimento em 3.3.5. – Mais sobre a idéia e a experiência das OCAs em outros trabalhos deste volume – p.ex. 1; 3.3.2; 11.13 etc.

²⁰ Além de pontos esparsos, cada uma destas dimensões é abordada em, respectivamente, 6, 7 e 5. Sobre as intenções do Projeto Oca Mundi, ver página correspondente em www.tropis.org. Sobre o seu adiamento, ver, em 3, o final de 3.2 e de 3.4.

2.6. ALGUNS SÍMBOLOS MARCANTES NA HISTÓRIA DA TRÓPIS



Gye-Nyame - INSERIDO NO LOGOTIPO PRINCIPAL

Ideograma do povo Akan, do atual Ghana (África Ocidental). Segundo NASCIMENTO (1994), refere-se à imortalidade e onipotência da divindade cósmica. Sua construção permite lê-lo como o *t'ai chi* (yin/yang). A escolha de uma forma africana expressa a valorização da pluralidade e do diálogo intercultural. O eixo central, mostrado como *rítmico*, carrega também as qualidades da *quilha* (Trópis – cf. cap.2 acima).



Beija-Flor ou **Colibri** - USADO NA CAMPANHA DO REENCANTAMENTO DO MUNDO

Um dos seres mais encantadores da natureza terrestre, considerado especialmente característico da América do Sul, tem importantíssimo papel na cosmogonia guarani (entre outras). Circulando e estabelecendo comunicação entre os seres e princípios opostos, representa o *terceiro princípio* (na verdade o primeiro!): mercurial, móvel, rítmico, curador, integrativo: qualidades também da **quilha**. Na Trópis usamos a imagem do Beija-Flor como um lembrete de que a cada minuto podemos reencantar nosso olhar: **fique de olho no beija-flor!**²¹



USADO NO PROJETO OCA MUNDI - Este desprezioso **sinal** encontrado em algumas fontes de computador pode ser tomado como **símbolo** e lido de incontáveis formas: aldeia circular, com suas *ocas* em torno do pátio central (tupi *ocara*, incrivelmente semelhante ao *ágora* grego) • o mínimo de 12 ângulos diferentes a partir dos quais, segundo alguns, se começa a ter um vislumbre de visão integral de um fato (pluralismo!) • *sistema*: peças livres porém inter-relacionadas formam uma unidade de um novo nível-de-ser • a cruz no círculo solar: reconquista da vida (ressurreição) após a crucifixão e morte • as quatro direções e elementos • as *seis* direções do mundo espacial, considerando também as apontadas pelo eixo central (*axis mundi*) visto aqui em corte ou projeção...

2.7. CONSEQÜÊNCIAS DA FILOSOFIA DA TRÓPIS PARA A COOPERAÇÃO INSTITUCIONAL

A **Trópis** não *adotou* a Filosofia do Convívio: ela **é**, em si mesma, um exercício prático dessa filosofia; não haveria Trópis sem ela.

Isso, porém, não faz dela uma seita: ao contrário, *é exatamente a natureza e conteúdo da Filosofia do Convívio o que a torna aberta* à cooperação e associação com qualquer pessoa ou instituição que apenas *não se permita oprimir, impor ou excluir*.

Não que tenhamos a ilusão de que é fácil superar séculos de tradição de competição ou pelo menos não-cooperação... Não se trata de algo que se dá por si, mas que é preciso buscar e exercitar ativamente. Algumas contribuições nesse sentido se encontram neste volume no artigo 5, *Convívio em e entre organizações*.

2.8. NOSSAS FONTES

Tudo já foi dito; mas como ninguém escuta, é preciso começar sempre de novo... (A.GIDE)

As idéias da Trópis são devedoras das mais variadas, numerosas e aparentemente incompatíveis fontes – o que (desta vez discordando de Roberto GOMES) assumimos decididamente como *riqueza* do modo brasileiro de pensar. Não é ocasião para um estudo sistemático dessas fontes, mas alguma idéia sobre elas pode ser obtida de 1.7, bem como da Bibliografia Geral. Além disso, o volume *Filosofia do Convívio* trará um pouco mais sobre isso.

²¹ O naturalista goetheanista Andreas SUCHANTKE chamou seu livro sobre a América do Sul de *Der Kontinent der Kolibris* (“O Continente dos Colibris”). Sobre o papel na cosmogonia guarani, ver JECUPÊ, *Tupã Tenondé*. O chamado “terceiro princípio” pode ser visto como a manifestação (re)integradora do Um sobre a sua primeira manifestação como Dois. V. p.ex. STEINER, *Occult signs and symbols* (GA 101).

